

Sumário

Prefácio, 17

1

Introdução, 21

1.1 Hipóteses centrais de estudo, 28

2

Restauro e (ou) conservação?, 33

2.1 Introdução histórica, 35

2.1.1 As bases do surgimento do *Restauro Moderno*, 36

2.1.2 Os efeitos da Revolução Industrial, 37

2.2 O restauro arqueológico, 39

2.3 O restauro estilístico, 40

2.4 Restauro romântico ou conservação estrita?, 42

2.4.1 O positivismo de Luca Beltrami e de Camillo Boito, ou do *restauro histórico* ao *restauro filológico*, 44

2.4.2 O *restauro histórico*, 44

2.4.3 O *restauro filológico*, 46

2.5 Aloïs Riegl e o inventário dos valores do património, 47

2.6 Giovannoni e o *restauro científico*, 50

2.7 A Carta de Atenas e a *Carta Italiana del Restauro*, 1931, 51

2.7.1 A Carta de Atenas de 1931, 51

2.7.2 A *Carta del Restauro* de 1931, 52

3

Referências doutrinárias: da Carta de Veneza ao Documento de Nara, 55

3.1 Cesare Brandi, o restauro crítico e a *Teoria del Restauro*, 57

3.1.1 A qualidade do restauro depende directamente do juízo crítico da artisticidade do objecto sobre o qual incide, 58

3.1.2 Uma nova definição de restauro e uma nova práxis, 58

3.1.3 Reintegrações e lacunas. A reconstituição da unidade potencial da obra de arte, 59

3.1.4 O restauro e a questão do tempo para Brandi, 61

3.1.5 Uma nova norma para gerir os conflitos entre o valor estético e o valor histórico do património, 62

3.1.6 O restauro como uma nova disciplina de projecto, 64

3.2 A Carta de Veneza de 1964, 64

3.3 As cartas italianas sobre o Restauro de 1972 e de 1987, 66

3.3.1 A *Carta del Restauro* de 1972, 66

3.3.2 A tentativa de actualizar a *Carta del Restauro*: A *Carta da Conservação e de Restauro de Objectos de Arte e Cultura* de 1987, 69

3.4 As questões da autenticidade e a Conferência de Nara, 73

3.4.1 A procura de uma definição, 73

3.4.2 Análise do *Documento de Nara sobre a Autenticidade*, 76

4

Conservação do património urbano: evolução dos conceitos e da teoria, 79

4.1 "Património urbano", a invenção do conceito, 81

4.1.1 O momento "memorial", 81

4.1.2 O momento "historicista", 82

4.1.3 O momento "integrador", 83

4.2 Da renovação à reabilitação urbana, 84

4.3 Tutelar o património urbano: os documentos de referência, 90

4.3.1 A Lei Malraux, de 1962, 90

4.3.2 O conceito de *conservação integrada*: da *Carta Europeia do Património Arquitectónico à Declaração de Amesterdão* (1975), 91

4.3.3 A década de 80 e o renascimento das cidades, 94

4.3.4 A *Carta Internacional para a Conservação das Cidades Históricas*, de 1987, 96

4.4 Questões actuais e alguns paradoxos, 99

4.4.1 O novo paradigma ecológico e a conservação: o conceito de *sustentabilidade* e a Carta de Aalborg, 99

4.4.2 O *Documento de Nara* e as questões da *autenticidade* transcritas para a escala do património urbano, 101

4.4.3 A transição de uma cultura de expansão para uma cultura da qualidade, 104

4.4.4 A conservação tornou-se um problema essencialmente urbano e já não só arquitectónico, 105

4.4.5 Tentativas recentes para uma melhoria da formação disciplinar em conservação urbana, 105

5

O problema da conservação da identidade e imagem urbanas, 109

5.1 Imagem urbana, ou o regresso das preocupações disciplinares com a "imagem da cidade", 112

5.1.1 A imagem da cidade, 112

5.1.2 Do global ao pormenor: a *paisagem urbana*, 114

5.1.3 O lugar e a linguagem da arquitectura, 115

5.2 Cidade histórica e identidade urbana, 117

5.2.1 A constatação da perda de identidade urbana, 118

5.2.2 Para uma definição do conceito de identidade urbana, 119

5.2.3 Vulnerabilidade da identidade urbana e da sua relação com o tempo, 126

5.2.4 Principais problemas ligados à perda da identidade, 128

5.2.5 A identidade como factor de desenvolvimento, 129

5.2.6 Entre a identidade perdida e a identidade renovada: analisar, planear e projectar a identidade, 132

5.3 O fachadismo como perversão da autenticidade e da identidade urbanas, 136

5.3.1 Relações entre significados e significantes, 136

5.3.2 Tipificação do fachadismo, 137

6

Conceitos básicos e teorias da cor, 143

6.1 Conceitos de cor, 145

6.1.1 O que é a cor?, 145

6.1.2 A cor e a visão humana, 146

6.1.3 Luz e cor, 149

6.1.4 A decomposição da luz branca, as cores incondicionalmente iguais e as cores condicionalmente iguais, 149

6.2 Da necessidade de uma teoria da cor, 151

6.2.1 As cores primárias, 152

6.2.2 As leis-base de síntese de cor e o círculo cromático, 153

6.2.3 As oito cores elementares e a representação das cores, 155

6.2.4 As cores acromáticas e as cores complementares, 157

6.3 Caracterização, notação cromática e propriedades qualitativas das cores, 158

6.3.1 Cores quentes e cores frias, 159

6.3.2 Classificação com base na luminosidade das cores e em relações quantitativas, 160

6.3.3 Os atributos qualitativos das cores, 160

6.3.4 Sistemas cromáticos de referência, 162

6.4 Colorimetria e sistemas cromáticos de referência CIE, 164

6.4.1 O sistema CIE 1931, 166

6.4.2 Do sistema XYZ CIE 1931 ao CIELAB CIE 1976, 168

6.5 Avaliação quantitativa e qualitativa das diferenças de cor, 170

7

Levantamento e caracterização histórica de revestimentos e acabamentos exteriores à base de ligantes minerais, 173

7.1 Breve história dos revestimentos com tecnologias da cal, 175

7.2 O enquadramento possível na manualística e no tratadismo histórico, 183

7.3 Comentário sobre o olhar rarefeito da história da arte, no domínio dos revestimentos arquitectónicos, 185

7.4 As principais influências do tratadismo clássico em Portugal, 186

7.5 Os manuais práticos, a formação profissional, a ciência, 193

8

Reapropriação dos antigos saberes construtivos: restituição por referência às práticas históricas, 197

8.1 Matérias-primas e técnicas da cal no tratadismo e na manualística, 201

8.1.1 A cal e o seu fabrico, a importância da escolha da matéria-prima e da sua transformação, 201

8.1.2 A preparação de argamassas, 217

8.2 Revestimentos com ligantes minerais e do seu uso histórico, 231

8.2.1 Técnicas (clássicas) de execução dos revestimentos, 231

8.2.2 Rebocos, suas expressões e *modus faciendi*, 236

8.2.3 Os guarnecimentos, 239

8.2.4 Os esgrafitos e os grafitos, 248

8.2.5 A técnica dos "estucos", 257

8.2.6 O impacto formal e cromático do tratamento das juntas, 268

8.2.7 Breves notas sobre os fingimentos na massa ou em *trompe l'œil* em exteriores, executados com guarnecimentos e estuques, 269

8.3 Cor e tecnologias ancestrais de pintura, 271

8.3.1 Enquadramento no tratadismo arquitectónico, 274

8.3.2 Breves notas sobre a pintura de fingidos em exteriores, 279

8.3.3 Referências históricas às tecnologias da cor; de Vitruvius a João Segurado, 283

8.3.4 Para uma reapropriação dos sistemas tradicionais de pintura à base de ligantes minerais, 291

8.3.5 As terras e as tintas com terras, 303

Estudo, planeamento e projecto da cor no património urbano, 313

9.1 Breve historial, 315

9.2 Sobre a experiência portuguesa de controlo da cor em “centros históricos”, 323

9.2.1 Cor e *Estado Novo*. Da contestação do amarelo à imposição do branco, 323

9.2.2 Normas recentes para Lisboa, 333

9.2.3 Primeiras propostas coerentes de programas de investigação e de planeamento da cor, 334

9.2.4 A década de 90 ou o aumento do interesse pelas intervenções cromáticas, 337

9.2.5 Conclusões parcelares, 348

9.3 Análise de algumas experiências exteriores, 350

9.3.1 Da psicofísica e da geografia da cor ao *environmental color design*, 350

9.3.2 Cor e norma: estudos e planeamento da cor para Turim (1983,...), 353

9.3.3 Cor e projecto: o Plano de Cor de Barcelona, 363

9.3.4 Aproximações aos princípios do restauro crítico e da conservação estrita: experiências italianas e austríacas, 365

9.4 Objectivos dos estudos cromáticos e principais problemas na investigação da cor, 374

9.5 Caracterização e tipificação dos planos de cor, 378

9.5.1 A História como um dos principais factores da legitimação projectual: relações entre a cor histórica e os planos de cor, 379

9.5.2 Planos propostos e planos impostos, entre o enquadramento da criatividade e a violência da casualidade, 380

9.5.3 Planos monocromáticos e planos policromáticos, 382

9.5.4 Principais tipologias, 383

9.6 A cor no projecto e nas intervenções de conservação, 387

9.6.1 O horror do novo e o horror do velho, 387

9.6.2 Decisões cromáticas e decisões de projecto, 389

9.6.3 Implicações da teoria de restauro no projecto cromático, 394

9.6.4 Princípios básicos a observar na conservação de revestimentos e acabamentos, 396

9.6.5 A importância dos saberes e das qualificações dos projectistas, dos técnicos e dos executantes da conservação e do restauro, 399

9.6.6 Patologia e possibilidades técnicas de intervenção, 400

Casos de estudo: aplicação de metodologias de base científica para a análise e intervenção cromática no património urbano, 419

10.1 Considerações preliminares sobre os estudos de caracterização cromática, 421

10.2 O estudo cromático do Bairro do Castelo em Lisboa^{3, 422}

10.2.1 Fases principais, 423

10.2.2 Técnicas ensaiadas de avaliação da cor, 424

10.2.3 Síntese dos principais resultados, 428

10.2.4 As opções do Projecto de Cor desenvolvido pelo Projecto Integrado do Castelo, com base nas análises realizadas, 441

10.3 A procura de soluções de intervenção, 444

10.3.1 Apoio a intervenções no Palácio de Queluz, 446

10.3.2 Renovação dos revestimentos no Palácio Nacional de Mafra, 454

10.4 Estudo cromático e recomendações para o restauro urbano do “centro histórico” de Sintra, 465

10.4.1 Cor, identidade e imagem urbana de natureza histórica em Sintra, 467

- 10.4.2 Avaliação e codificação da cor: análises laboratoriais desenvolvidas para caracterização dos revestimentos de Sintra, 469
- 10.4.3 Principais tipos de revestimento e técnicas de execução da cor em Sintra, 470
- 10.4.4 Conclusões parcelares e recomendações para preservação e renovação dos revestimentos exteriores à base de ligantes minerais em edifícios do Centro Histórico de Sintra, 476

II

Discussão e conclusões, 503

Notas, 523

Referências Bibliográficas, 603

Anexos, 623

Origem das imagens, 651